



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,**

**EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NO PROCESSO DE INCLUSÃO A**

**PARTIR DE RELATO DE UMA DIRETORA DE ESCOLA**

**LIBIANE CRISTINE BARROSO**

**ORIENTADOR(A): LUCIA DE CARVALHO BRANDÃO**

**BRASÍLIA/2015**



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**LIBIANE CRISTINE BARROSO**

**A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NO PROCESSO DE INCLUSÃO A  
PARTIR DE RELATO DE UMA DIRETORA DE ESCOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora : Prof.<sup>a</sup> Lucia de Carvalho Brandão

BRASÍLIA/2015

**TERMO DE APROVAÇÃO**

LIBIANE CRISTINE BARROSO

**A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NO PROCESSO DE INCLUSÃO A  
PARTIR DE RELATO DE UMA DIRETORA DE ESCOLA**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em \_\_\_/\_\_\_/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

Msc. LUCIA DE CARVALHO BRANDÃO (Orientadora)

---

NOME DO EXAMINADOR (Examinador) (a ser preenchido após a defesa)

---

LIBIANE CRISTINE BARROSO (Cursista)

BRASÍLIA/2015

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, por me dar forças para continuar em busca de meus objetivos. Agradeço imensamente minha família: meus pais José e Angela, minha irmã Laiane, minha avó Maria Conceição e meu namorado Fernando por todo o apoio, incentivo, acompanhamento em tantas idas até o polo em Barretos e ao entendimento nas horas de ausência. Agradeço também aos mestres, educadores e todos que me ajudaram durante todo o curso, tutores presenciais e virtuais, que foram essenciais na conclusão dessa Especialização.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a professora Msc. Lúcia de Carvalho Brandão pela compreensão, apoio e olhar inclusivo, agradeço também a tutora presencial Fabiana e tutora virtual Elen, por todo apoio e ensinamentos durante a realização dessa especialização, também agradeço à Diretora de escola da rede particular situada na cidade de Monte Alto/SP por responder minha pesquisa de campo.

## RESUMO

A pesquisa “A relação entre família e escola no processo de inclusão a partir de relato de uma Diretora de escola” teve o objetivo de investigar através de pesquisa e revisão bibliográfica, a importância da participação da família no processo de ensino-aprendizagem de alunos com deficiência e sua inclusão. Foi realizada entrevista com a Diretora de uma escola da rede particular da cidade de Monte Alto SP, e os resultados foram analisados com base na fundamentação teórica de Bastos e Casarin, dentre outros. Os resultados evidenciaram que a família é de fundamental importância, pois é o alicerce para o desenvolvimento das pessoas que possuem algum tipo de deficiência, família e a escola são instituições com objetivos em comum, possuem o papel de oferecer um ambiente de integração para o desenvolvimento, a aprendizagem, o conhecimento, o bem-estar e a educação. Sendo assim, o aluno com deficiência caminhará segundo os padrões que são estabelecidos para viver melhor em sociedade. Conforme Kaloustian (1988), família é o lugar indispensável que garante a sobrevivência e a proteção integral dos filhos e demais membros, independente do arranjo da família ou da forma como é estruturada. A família também dá aportes afetivos e necessários para o desenvolvimento e bem-estar de seus membros e desempenha papel decisivo na educação formal e informal, nesse espaço são aprendidos valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam também laços de amor e solidariedade. A motivação principal dessa pesquisa é a experiência de trabalho como Educadora Musical e Fisioterapeuta nesse ambiente escolar, e sabendo da importância e necessidade do elo escola- família para o bem estar integral do aluno. Como resultado a pesquisa demonstrou que a relação escola e família é fundamental para a construção da identidade do aluno, da autonomia e cidadania, mas infelizmente existem diversas barreiras entre aproximação da escola e família. E ainda não acontece de forma a promover o desenvolvimento do aluno com deficiência.

**Palavras-Chave:** Escola. Família. Inclusão.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| RESUMO.....  | 6  |
| 1 APRESENTAÇÃO.....  | 8  |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....   | 11 |
| 2.1 PRÁTICA EDUCACIONAL INCLUSIVA.....                                 | 11 |
| 2.2 O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO.....                  | 14 |
| 2.3 CURRÍCULO ESCOLAR INCLUSIVO.....                                   | 15 |
| 2.4 PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....                 | 17 |
| 3 OBJETIVOS.....   | 20 |
| 3.1 OBJETIVO GERAL.....  | 20 |
| 3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO.....   | 20 |
| 4 METODOLOGIA.....   | 21 |
| 4.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA METODOLOGIA.....                          | 21 |
| 4.2 CONTEXTO DE PESQUISA .....   | 21 |
| 4.3 PARTICIPANTES .....  | 22 |
| 4.4 MATERIAIS.....   | 22 |
| 4.5 INSTRUMENTOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS .....                          | 22 |
| 4.6 PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS.....                          | 22 |
| 4.7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS .....                            | 22 |
| 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....  | 24 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 29 |
| 7 REFERÊNCIAS.....   | 30 |
| 8 APÊNDICES .....  | 33 |
| APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO PARA A DIRETORA (MODELO).           | 33 |
| 9 ANEXOS .....   | 36 |
| A- CARTA DE APRESENTAÇÃO – ESCOLA (MODELO) .....                       | 36 |
| B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – DIRETORA<br>(MODELO). | 37 |

## 1 APRESENTAÇÃO

Ao falar em educação inclusiva, junto com ela pensamos em novos desafios aos professores e às instituições, que tem como tarefa prepará-los para um futuro onde poderão sentir-se incluídos e competentes. As escolas devem adaptar-se a todas as necessidades dos alunos, assegurando a eles uma educação de qualidade, pensando pelo princípio de oportunidade e igualdade a todos.

Nos últimos anos muito se tem falado em educação de qualidade, e de sistemas educacionais que respeitem a diversidade de seus alunos, promovendo ações sociais, políticas, pedagógicas e culturais, respondendo assim às necessidades de todos os alunos. Essa política de inclusão na escola regular não consiste apenas na permanência física desses alunos junto aos demais educandos, mas também rever paradigmas e concepções, desenvolvendo potenciais desses alunos, com respeito às diferenças e dando atenção às suas necessidades. Essa presença crescente de alunos incluídos faz com que ocorra além de tudo, uma mudança de atitude, não somente dos professores envolvidos, mas também de toda a comunidade escolar e social, além da família.

Será necessária a quebra de preconceitos, estimulando o acolhimento, a generosidade e o respeito mútuo. A escola deve trabalhar a sua ação pedagógica, organizando seu currículo e utilizando recursos para melhorar a igualdade de oportunidades, foi importante fazer um estudo sobre o papel das famílias na inclusão escolar de alunos com deficiência. Dessa forma, achei pertinente que esse tema fizesse parte de minha investigação e reflexão de forma crítica sobre o tema, também criando estratégias que visem a melhoria do papel da família na inclusão.

Para D'Antino (1998) a família é muito importante, pois constitui valores de berço ao indivíduo, com o objetivo de satisfazer as necessidades principais – físicas, afetivas e sociais, assim tendo função de mediar entre a criança e a sociedade. “Cada pessoa tem suas necessidades e possuem diferenças sociais, físicas [...]”, emocionais, de aprendizagem, etc que os caracterizam, determinam quais seus interesses e até limitações (BRASIL, 1994). Vejamos o que diz (GLANT, 1995, p. 17), que a inclusão precisa da “transformação de relações sociais estabelecidas e sedimenta entre grupos humanos, valorizando a diversidade da humanidade”.

Na Declaração de Salamanca (1994), observa-se que nível de conhecimento dos profissionais que atuam em escolas especiais é o ideal para identificar precocemente as crianças com deficiência. Elas devem servir como exemplo para escolas regulares. Essas

escolas especiais nas escolas inclusivas podem prover a educação adequada para um número menor de crianças

Ainda falando sobre a Declaração de Salamanca, os professores e outros profissionais de escolas especiais devem possuir grau para identificar precocemente sobre as crianças com alguma deficiência, essas escolas muitas vezes servem como treinamento e recurso para escolas regulares. Essas escolas especiais ou unidades nas escolas inclusivas provêm a educação para um número menor de alunos com uma maior qualidade de ensino.

Investimentos em escolas especiais existentes deveriam ser canalizados a este novo e amplificado papel de prover apoio profissional às escolas regulares no sentido de atender às necessidades educacionais especiais. Uma importante contribuição às escolas regulares que os profissionais das escolas especiais podem fazer refere-se à provisão de métodos e conteúdos curriculares às necessidades individuais dos alunos. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.05-06)

Para receber esses alunos em escolas regulares, é necessário que ela esteja preparada para receber alunos com estrutura física, profissionais qualificados e preparados – criatividade para atender diversidade de alunos, com metodologia diferenciada para que se adapte e busque reconhecimento do outro, não se baseando nas condições sociais, intelectuais ou físicas, é o que nos diz Fonseca (2003, p. 104) “educar uma criança com necessidades educacionais especiais ao lado de crianças normais é um dos principais basilares da sociedade democrática e solidária”.

A fundamentação desse trabalho envolveu meu trabalho no cotidiano e revisão bibliográfica de literaturas estudadas, separei alguns autores e materiais onde se encontram postagens pertinentes ao tema escolhido.

Pelo mundo todo existem trabalhos pela educação inclusiva, através de ações culturais, sociais, políticas e pedagógicas para que isso ocorra sem qualquer tipo discriminatório. A inclusão na educação está fundamentada nos direitos humanos, para que haja igualdade de valores e que não haja exclusão de pessoas especiais na sociedade. Há muitas dificuldades encontradas nesse processo, porém, esse tema causa um debate na sociedade mostrando o papel da escola, família e sociedade em conjunto para diminuir e eliminar a exclusão. Para isso é necessário que haja mudança na estrutura e cultura da sociedade, primeiramente

precisamos de conscientização de toda população para que os alunos incluídos sejam respeitados e atendidos segundo suas necessidades.

Segundo Lenzi (1997), muitos pais acreditam que seus filhos não são capazes de realizar os estudos em escolas comuns, e assim sendo muitos deixam de colocar seus filhos na escola, ou colocam em escolas para deficientes, assim excluindo-os do convívio com os outros, os pais estão excluindo os filhos da educação regular garantida pela lei a todas as crianças, vejamos no artigo 205 da Constituição Federal de 1988: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p.)”

Há também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996) que regulamenta e garante educação às pessoas no território nacional, vejamos o que está no Art. 2º, “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996)”

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **6.1-PRÁTICA EDUCACIONAL INCLUSIVA**

Sabemos que a escola é o local responsável pela educação formal, também é onde ocorrem várias trocas entre os alunos, professores, família, comunidade e entre as famílias entre si. Essas instituições devem focar-se na diversidade, para formarem seres humanos multiculturais, capazes de ouvir, analisar, prestar atenção ao diferente e principalmente respeitá-lo.

Porém, quando falamos dos profissionais envolvidos na educação especial inclusiva, verifica-se que eles enfrentam grandes dificuldades dentre elas limitações de recursos, além de falta de adaptações nas escolas, ausência de materiais e recursos didáticos que facilitariam os processos de ensino e aprendizagem, além desses, existem os desafios de pressões por estarem lidando com o “aluno especial”. Os professores tem total importância nessa missão de incluir, pois cada aluno possui as suas necessidades específicas e os professores tem que estar preparados para lidar, cumprindo o seu papel igualitário para com todos os alunos. É necessário e imprescindível um novo olhar sobre esses alunos e suas necessidades, também é necessário avaliar a importância da escola nesse processo. A situação atual em que se encontram os sistemas educacionais nos mostra que para atender as necessidades dos alunos especiais, será necessário o apoio de vários setores, para que se superem restrições, preconceitos, e que se trabalhe no sentido amplo e total para que envolva todas as ações desses alunos.

Falando especificamente em educação especial, é necessário dispor de estratégias que auxiliem os educadores, ações essas que devem ser planejadas e executadas para assegurar respostas que sejam competentes e compatíveis com o sistema e unidade escolar, que além de ensinar tem o compromisso social da inclusão e o dever de garantir a educação de qualidade para todos. As necessidades educacionais especiais são definidas e identificadas na relação entre o aluno e a educação escolar.

O aluno especial precisa de atendimento especial, de um ambiente que transmita confiança, estímulo e incentivo, e o papel da escola é estimular essas ambiências, para que exista um local com experiências que atraiam os alunos. Sabe-se que lidar com alunos ditos normais já é uma tarefa difícil, principalmente devido a certos descasos da educação brasileira, por isso os educadores devem estar dispostos a enfrentar esses problemas para que se faça cumprir a sua real missão: permitir e auxiliar o aprendizado do aluno. Sendo assim, os professores precisam conhecer seus alunos, saber identificar os alunos especiais, quais seus

problemas – nem sempre eles estão expostos no estereótipo do aluno, para que sejam tomadas as ações corretas e necessárias para cada caso. O professor deve identificar as dificuldades existentes em cada aluno de maneira particular, buscando pesquisar e discutir de forma participativa com todos os integrantes da escola, estratégias eficazes que possam sanar e amenizar as dificuldades encontradas, objetivando desenvolver as potencialidades de seus alunos. Após essa análise, somente, é que poderão ser tomadas decisões para melhorar a interação desse aluno.

Em relação aos conteúdos a serem abordados no currículo deverão ser os mesmos para os alunos com necessidades especiais, sendo assim, o que deve ser alterado são os recursos didáticos e a metodologia utilizada, que deverá ser de acordo com cada potencialidade apresentada pelos alunos especiais, juntamente com a elaboração e análise das avaliações que serão aplicadas a esses alunos.

Conforme assevera Oliveira (2002, p. 33),

[...] o que a escola faz, de maneira essencial e fundamental, é aquilo que circula no seu interior, como sua atividade principal, como sua matéria-prima fundamental: "o currículo". O currículo é o instrumento através do qual a escola vai preparar o indivíduo para o exercício da cidadania.

O currículo é o conjunto de conteúdos selecionados e organizados de forma metodológica de forma que estejam adequados: à realidade social, natureza dos conhecimentos, necessidades e potencialidades de cada aluno. Através dessa organização, busca-se alcançar os objetivos educacionais, que na última instância levam à formação da cidadania desses alunos. Conhecer cada aluno é um fator importante e primordial para que eles não fiquem à margem de novas práticas, pois se a escola não os conhece, não será possível elaborar um currículo que traga reflexões a respeito do meio social e cultural em que eles se inserem.

Incluir não significa desenvolver estilos individualizados para alunos que apresentam déficits intelectuais, problemas na aprendizagem, dentre outros relacionados ao desempenho escolar. Quando se inclui, não se separam os atendimentos – nem dentro nem fora da sala de aula e não há segregação. A aprendizagem desses alunos, quando aceitos como são e tratados como devem ser, implicará de maneira automática no bom desempenho das atividades escolares, além de seu sucesso, e o objetivo primeiro da educação, que caminha rumo à direção de escolas inclusivas e acolhedoras.

O perfil do professor deve ser inovador e flexível, estar atrelado ao ambiente da inclusão, precisa agir aliando as suas práticas pedagógicas às suas ações efetivas, quem lida com alunos especiais deve, necessariamente agir com efetividade, sentimento e emoção, deixando um pouco de lado a visão dicotômica do estilo que dificulta nossa atuação, como formadores. As escolas devem investir em capacitações, proporcionando uma formação que assegure o preparo de que necessitam para se especializarem em todos os alunos, cursos de extensão e aprimoramento, também cursos que lhes validem a capacidade de efetivar a inclusão escolar, só assim será possível alcançar uma educação de qualidade no contexto do panorama da inclusão escolar. Faz-se necessário investir na formação para que existam profissionais qualificados, em busca de aperfeiçoamento em seus conhecimentos pedagógicos. As propostas de formação devem contribuir para a autonomia intelectual e social, essas são condições que dispõem o desenvolvimento de todos os educadores, assim como seu aprimoramento e capacitação.

Já no que concerne à família, que se constitui como primeira instituição pela qual a criança aprende sobre o mundo que a rodeia, essa instituição é responsável pelos valores e normas que dão a seus membros condições necessárias para viver bem. É na família que a criança terá os primeiros cuidados e relações de afetividade, aprendizado e comportamento, e também é muito importante a maneira como a família lida com a criança com deficiência.

É fato indiscutível a importância da família no desenvolvimento das crianças e adolescentes, principalmente falando em alguma criança com necessidade especial, pois a família é o berço, o núcleo primário e as relações estabelecidas nesse ambiente vão depender de relações interpessoais entre seus integrantes e da dinâmica que envolve o relacionamento familiar. No decorrer das ações educacionais, as experiências adquiridas na vida familiar são constantes e sempre presentes na vida desse aluno, agindo de forma positiva ou negativa, ou seja, pode auxiliar ou dificultar o processo educacional.

Para que haja garantia de um espaço formador e informativo, deverá haver colaboração com objetivo de promover debates sobre o tema em questão e sobre aprendizagem, posturas e práticas dos alunos, os pais devem estar cientes de quais os objetivos pedagógicos da escola, e que eles são parte importante desse aprendizado, auxiliando seus filhos nas atividades que serão realizadas em casa. O acompanhamento é primordial, assim os pais passam a conhecer o comportamento de seus filhos especiais na escola, auxiliando nas suas ações com seus filhos.

O papel dos pais na educação dos filhos não se refere somente a acompanhar as atividades escolares, e sim precisamente acompanhar o desenvolvimento cognitivo, a relação com a escola, o desempenho educacional e a construção do conhecimento do aluno. A escola é um espaço de acesso aos conhecimentos sistematizados e universais, lhes trará condições de tornarem-se cidadãos, com identidade social e cultural, sendo assim, melhorar as condições da escola, é pensar no futuro desses alunos, formando gerações mais preparadas para viver a vida em plenitude, sem preconceitos ou barreiras, sem obstáculos ou restrições.

Quando os pais participam da comunidade escolar, contribui e facilita o trabalho do professor, que se sente mais seguro na educação dos alunos especiais, sentem-se mais autônomos nas decisões, e possuem maiores possibilidades de conhecerem seus alunos, necessidades, anseios, como consequência melhorando seu desempenho. Família e escola são instituições sociais que acolhem as pessoas a partir do nascimento, infância e são responsáveis pelo desenvolvimento social, cultural e intelectual de seus alunos.

## **6.2-O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO**

Para que existam espaços adequados para a prática pedagógica com inclusão e qualidade, é necessário que exista ambiente adequado e especializado para tal finalidade. Sendo assim, as escolas inclusivas devem estar aptas e preparadas para receber os alunos especiais, incluindo as adaptações necessárias no ambiente em que ele efetivará seu processo de ensino e aprendizagem.

Segundo apregoa Fávero (2007, p.),

É indispensável que os estabelecimentos de ensino eliminem suas barreiras arquitetônicas, pedagógicas e de comunicação, adotando práticas de ensino escolar adequadas às diferenças dos alunos em geral, oferecendo alternativas que contemplem a todos os alunos, além de recursos de ensino e equipamentos especializados que atendam às necessidades educacionais dos educandos e sem deficiências, mas sem discriminações.

Sendo assim, não devem existir barreiras arquitetônicas que atrapalhem ou dificultem o acesso dos alunos na escola. Ela deve adaptar-se aos alunos com deficiência, de maneira que todos seus setores possuam acessibilidade.

Também é importante falar sobre o processo da comunicação nas instituições escolares, pois é um processo importante para que haja entendimento entre as partes – escola e familiares, facilitando processos de ensino e aprendizagem, além de habilidade para aprender, pois a sociedade exige dos cidadãos um processo de continuidade em relação à aprendizagem, já que a informação é cada vez mais efêmera e a sociedade em processo de mudança permanente.

Essas mudanças citadas possuem grandes influências nos processos de ensino e aprendizagem, pois muitas vezes os professores possuem muitas dúvidas, mas também muitas certezas. Uma é que o aproveitamento das adaptações realizadas irá melhorar muito as formas de ensinar e aprender. O uso de textos, vídeos e sons pode melhorar muito o processo de ensino/aprendizagem. É uma mudança de ensino, onde muitas vezes é limitado o papel do aluno na busca de informação, esse ensino faz com que a informação se adapte ao aluno, onde quer que ele se encontre.

O aluno com deficiência que possui qualquer problema merece sentir-se valorizado, acolhido e incluído, no sentido literal das palavras. Caso não disponha de todos os recursos necessários e desejáveis, os educadores podem trabalhar com o que tem, o que não devem é deixar de ser efetivos e darem tratamento adequado para o aluno especial. Sendo assim “os educadores que dedicam o melhor de suas vidas, anos e energia à orientação dos que lhe são confiados lembrar-se-ão de que jamais alguém conseguiu ver o fim dessa experiência e que, além disso, há muitas formas de se chegar aos mesmos objetivos (FELTRIN, 2007).”

### **6.3-CURRÍCULO ESCOLAR INCLUSIVO**

As pesquisas no Brasil relacionadas ao currículo na escola inclusiva são poucas. Na verdade, o que se encontra sobre essa produção mostra que o pouco material encontrado e disponível é direcionado para a inclusão como um todo, dando pouco suporte para o aprofundamento da organização de um currículo que priorize uma escola inclusiva. Sendo assim, questiona-se: pode-se dizer que o currículo privilegia a produção de conhecimentos do aluno que possui necessidades educacionais especiais, que foi inserido na escola comum? O currículo da maneira como está sendo colocado em prática, está contribuindo para o processo da inclusão como está sendo colocado em prática, contribuindo para o processo de inclusão ou pode ser considerado como o estigma da diferença?

Goffman (1980, p.11), se refere ao significado deste termo, a princípio utilizado pelos gregos, como sinais corporais visíveis que desqualificavam de maneira moral seus portadores e que exerciam papel discriminatório. “Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor”. A Antiguidade Clássica trazia estigmas, de pessoas que o contato deveria ser evitado.

Ainda segundo Goffman (1980, apud, SILVA e MOREIRA, 2008), estigma é um tipo de relação entre os atributos e os estereótipos, e podem existir três tipos: deformidades físicas, caráter individual e estigmas tribais de raça, nação e religião. Muitas vezes a sociedade é quem dita o que é uma pessoa normal, e quando algo está fora de padrão. Ou seja, é imprescindível que a escola não julgue o aluno que possui muitas necessidades educacionais especiais como alguém que não irá aprender, devendo primeiramente analisar as suas potencialidades e quais avanços poderá ter na aprendizagem, sendo esse, papel da escola. Os alunos que não acompanham podem sentir-se excluídos, que chamamos de estigma da diferença.

Seguindo a análise expressada por Goffman (1980), “o estigma é um tipo especial de relação entre atributos e estereótipos, podendo existir três tipos de estigma: por deformidades físicas, culpas de caráter individual e estigmas tribais de raça, nação e religião.”

Infelizmente, ao ingressar na escola inclusiva, o aluno deficiente pode sofrer estigmas. A inclusão está presente cada vez mais na nossa sociedade e nas escolas, mas infelizmente o despreparo na prática ainda é grande. Pois não bastam somente leis e decretos, é necessário que as leis estejam interligadas com a prática que ocorre corriqueiramente nas escolas comuns.

Para Glat (2004) o desafio de educar de maneira inclusiva é o fato de ensinar todos os alunos juntos, os com deficiência e os demais, assim, na sala de aula, toda teoria e ideologia ocorre na prática, em situações reais, onde há vários alunos com dificuldades e necessidades diferentes e específicas. No Brasil, infelizmente nossa inclusão ocorre de maneira falha, e a inclusão que queremos e almejamos, não está preparada para receber adequadamente esses alunos, tanto em relação a mobiliários e adequação física, e também em relação aos professores que não tem formação específica com a diversidade, seja ela qual for: psicológicas, intelectuais, culturais, etc.

Glat (2004) ainda salienta que é necessário mudar paradigmas da escola que exclui para a escola que inclui, partindo de recursos imprescindíveis para que cada aluno desenvolva suas potencialidades com tranquilidade. A educação inclusiva de sucesso deve fazer com que

todos os alunos participem de todas as atividades, ou seja, que os alunos deficientes possam aprender e obter êxito em todas as atividades, mesmo que de maneiras diferentes, de preferência sem defasagem série-idade. O professor é o mediador desse processo, e cabe a ele qualquer adequação ou alteração necessária no currículo.

A escola que inclui precisa saber e reconhecer que cada aluno possui seu potencial, ritmo de trabalho, expectativas e diferentes estilos de aprendizagem, motivações, valores culturais, sendo assim, reconhecê-los como diferentes. Silva e Menegazzo (2005) dizem que para controlar diferenças através ou no currículo depende muito da combinação de conjunto de dinâmicas em grupo, nomeada pela cultura escolar, do que estratégias prescritas ou isoladas, as chamadas “receitas de bolo”. Portanto é necessário valorizar as diferenças, capacidades, pensamentos, crenças, sem subestimar o quão importante é aquilo que nos liga uns aos outros.

#### **6.4- PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

O aluno que possui algum tipo de deficiência é tão especial como qualquer outra pessoa, e a família é a principal responsável por suas ações, oferecendo sua primeira formação. Nessa integração e inclusão escolar, o aluno através da orientação da escola e família poderá adquirir competências profissionais e pessoais.

Baseados em experiências da Europa e Estados Unidos, brasileiros iniciaram no século XIX, a organização de serviços para atendimento a surdos, cegos, deficientes mentais e deficientes físicos. MAZZOTTA (1996). A Educação Especial no Brasil a partir de 1954 iniciou sua trajetória no Brasil, com base em estudos desenvolvidos na Europa, modelos de internatos e escolas especiais, e Estados Unidos, inserindo classes nas escolas comuns e conquistando movimentos organizados de pais, familiares de pessoas com deficiência, que levaram adiante progressos na lei, amparos financeiros, e na melhoria dos serviços e necessidades de seus filhos. Na Suécia, tomou a forma “conselhos familiares” e na França “ação interfamiliar”.

Já depois de 1960 surgiram no Brasil as escolas especiais, centros de habilitação e reabilitação, oficinas protegidas de trabalho, clubes sociais especiais e associações desportivas especiais. Surgiu então a Educação Especial, com cuidados assistenciais às pessoas com necessidades especiais, com separação da educação comum. Na atualidade, nova tendência propõe maneira de abordagem diferenciada para esse tipo de Educação.

A Educação Especial, conforme Política Nacional de Educação Especial do MEC:

[...] é um processo educacional que visa promover o desenvolvimento das potencialidades de pessoas com necessidades especiais, condutas típicas, altas habilidades, e que abrange os diferentes níveis e graus do sistema de ensino. Fundamenta-se em referenciais teóricos e práticos compatíveis com as necessidades específicas de seu alunado. (BRASIL, 1994, p. 17)

Deve ser um processo integral, que flua desde a estimulação, que será essencial para todos os pilares e anos de ensino. A educação especial está integralmente ligado ao sistema educacional em vigor, identificando-se com a sua finalidade, formando cidadãos participativos e conscientes.

Segundo RAIÇA (1990, p. 10), “alunos de Educação Especial são vivos, sentem, observam, possuem as mesmas necessidades de outras crianças e não devem ser confinados em um mundo à parte.”

É preciso que a estrutura de ensino seja adequada, com conteúdos e métodos que respeitem o ritmo e características de cada aluno, para facilitar-lhe a construção dos conhecimentos. Assim, surgem propostas de educação e sociedade inclusivas, caminhando juntas, sem distinção de religião, sexo, cor ou necessidades. Mas, a sociedade ainda não está preparada para promover a inclusão, por isso devemos trabalhar, ainda mais para que ela ocorra.

A integração dos alunos com deficiência, para os leigos e para muitas escolas é ponto dito como pacífico, e se em ambos os discursos reconhece-se que essa integração nem sempre é realizada em plenitude, a integração dos diferentes é considerada uma finalidade a atingir, em todos os casos. VAYER (1989, p. 61).

Deve-se buscar conscientização da família, pois ela exerce grande influência sobre esse aluno, e prepará-lo para o mundo escolar é essencial. Os educadores devem ser conscientizados que não irão somente trabalhar com o aluno, mas também em seu desenvolvimento familiar, para que essa se torne um agente ativo no processo de inclusão.

Para Miranda (1999, p. 44), “após o impacto do Documento de Salamanca a respeito dos círculos de debate brasileiro e internacional que discutem direitos de pessoas com deficiência, assim como maneiras de garantir e exercer os direitos, de maneira clara nos anos

de 1996 a 1999, há série de pensamentos a respeito da inclusão através de artigos que foram publicados e eventos para discussão.”

Escola e família devem encontrar maneiras criativas de convencer a comunidade a ter participação, com parcerias, da manutenção para a inclusão, pois quando há conscientização, o destino se ajeita, toma rumo. O principal e primeiro grupo social que vivemos é a família, é nela que aprendemos a construir nossa independência e individualidade, é importante o contato das famílias umas com as outras, compartilhando seus problemas, desafios, e ideias. Os pais devem ter consciência e estarem mobilizados para apoiar e participar, trabalhando em união, harmonia e união. Também devem cuidar para que não haja superproteção para com seu filho com deficiência, pois não contribuirá para o desenvolvimento de sua autonomia.

Algumas culturas eliminavam as pessoas deficientes, outras optavam em interná-las em instituições de caridade, com idosos, doentes, etc. Essas eram grandes, davam abrigo, comida, medicamentos e atividades para passar o tempo. Com o tempo se especializaram passando a praticar a segregação institucional, onde a ideia era dispor, dentro das instituições, todos os serviços possíveis, pois a sociedade não aceitava e não queria receber pessoas com deficiência nos serviços que eram existentes na comunidade.

Infelizmente, na atualidade, a escola brasileira ainda não está preparada de maneira suficiente para atuar com deficientes na escola comum. Há casos diferentes, e para o professor é um desafio, com a ajuda da família, havendo colaboração, juntos farão muito pela Educação Especial, tendo certeza que eles precisam de compreensão, estímulo, apoio e amadurecimento.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1-OBJETIVO GERAL**

Conhecer a importância do papel da família no processo de inclusão de alunos com deficiência no sistema regular de ensino na perspectiva da Diretora de uma escola da rede particular de ensino de Monte Alto/SP.

#### **3.2-OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Compreender o processo histórico da inclusão na escola,

Analisar as dificuldades encontradas pelas famílias durante o processo de inclusão dos alunos com Síndrome de Down através de entrevista realizada com a Diretora da Escola,

Discutir sobre o papel da escola, da família e do professor no processo de inclusão escolar dos alunos com Síndrome de Down,

Analisar as contribuições na interação escola-família no processo de inclusão.

## **4. METODOLOGIA**

### **4.1 - Fundamentação Teórica da Metodologia**

Optou-se por fazer esse trabalho na metodologia qualitativa, que é um tipo de abordagem que faz com que o pesquisador seja uma peça chave no processo. Segundo Laville e Dionne (1999) esse tipo de pesquisa qualitativa está baseada no interesse do pesquisador em conservar os dados, e também, não fica apenas embasado em instrumentos subjetivos buscando complementar através de análises objetivas. “A comunicação será a via em que os participantes de uma pesquisa se converterão em sujeitos, implicando-se no problema pesquisado a partir de seus interesses, desejos e contradições” (GONZÁLEZ REY, 2005).

A estratégia adotada nesse trabalho foi da pesquisa com questionário aplicado à Diretora, tendo como objetivo avaliar a importância da família na inclusão do aluno com deficiência, especificamente com Síndrome de Down nas escolas regulares, sobre os desafios da inclusão.

Para Cervo e Bervian (2002, p. 67) “os estudos descritivos, assim como os exploratórios, favorecem, uma pesquisa mais ampla e completa, as tarefas da formulação clara do problema e da hipótese como tentativa de solução”.

### **4.2- Contexto da Pesquisa**

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede particular de ensino que funciona 06h45min às 18h30min, atende 50 alunos, na faixa etária de 04 meses a 05 anos na Educação Infantil e hospedagem de 10 a 12 anos. A escola foi fundada em 27/01/2007. Temos um corredor de entrada e saída, 2 salas de berçário – uma para estimulação outra para dormitório, o espaço de trocas e 2 banheiros meninas e meninos. Temos uma cozinha e área de serviço, uma área com piscina (play), 2 salas de maternal (1 para atividade e 1 para descanso com televisão) temos um refeitório baby, 1 refeitório com parque para os maiores, 1 sala para crianças de 2 a 3 anos e 1 sala para crianças de 4 a 5 anos.

Além das aulas são oferecidas aulas de judô, inglês, musicalização, grupo psicoeducacional e aulas avulsas de teatro e artes.

A escola desenvolve o trabalho de inclusão de um dois alunos com Síndrome de Down. É feita a socialização desses alunos interagindo com a sala, a escola, amigos, assim ele participa de todas as atividades. A escola contém 3 pedagogas, sendo 1 delas psicopedagoga institucional e dá aula de judô, contém 3 estagiárias remuneradas, 1 estagiária

sem remuneração de observação ( estágio pela faculdade) , 1 professora de música, 1 professor de artes, 1 professor de teatro, 1 nutricionista, 1 funcionária administrativa financeira, 2 diretoras e 1 auxiliar de limpeza.

Para a pesquisa, conversei diretamente com a Diretora da escola, o atendimento foi na sala de Direção, onde pude levar meu computador e o questionário e explicar melhor a respeito da pesquisa de campo e seus objetivos. Pesquisei sobre a inclusão de um aluno com Síndrome de Down, quais os desafios e importância da família nesse processo.

#### **4.3- Participantes**

Participou da pesquisa a Diretora da escola.

#### **4.4 - Materiais**

Para realização desse trabalho de pesquisa foi utilizado papel, caneta, lápis, borracha, mesa, cadeira, pen-drive e computador de uso pessoal.

#### **4.5- Instrumentos de Construção de Dados**

O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário em forma de entrevista que será encontrado no apêndice.

#### **4.6- Procedimentos de Construção de Dados**

A escolha da escola se deu devido eu ser professora de Música nessa escola da rede particular de ensino, sabendo da importância que essa escola dá para a inclusão e que passa por mudanças para que mais alunos possam ser atendidos, por isso entrei em contato com a Diretora, e mediante o termo de consentimento livre e esclarecido iniciamos a coleta de dados baseados no roteiro da entrevista – questionário.

As entrevistas foram realizadas no mês de setembro de 2015, diretamente com a participante através da minha visita até a escola. A Diretora que respondeu minha pesquisa de campo aceitou de maneira tranquila responder ao questionário e sugeriu que eu levasse o trabalho concluído para que ela tenha conhecimento dos resultados obtidos e objetivos propostos no âmbito da inclusão.

#### **4.7- Procedimentos de Análise de Dados**

A análise de dados resultantes da pesquisa de campo realizada na escola foi desenvolvida através de bibliografia que buscou pontuar os principais paradigmas desse

processo inclusivo e da importância da participação da família, especificamente na inclusão de alunos portadores da Síndrome de Down em escolas regulares.

Com a entrevista em mãos, se faz necessário analisar seu conteúdo e resultados. A entrevista foi transcrita e após análises baseadas nos autores pesquisados com ideias relevantes sobre o assunto, considerou-se as respostas da entrevistada, não se baseando se estão certas ou erradas.

Analisar essas respostas é importante para que haja uma constatação das ideias e ações da entrevistada, se contemplam os objetivos propostos nesse trabalho.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

**Quanto à autonomia, as respostas e resultados foram os seguintes:**

- 1) Qual idade do(s) aluno(s) incluídos com Síndrome de Down?  
06 anos
- 2) Esta criança recebeu ou recebe estimulação precoce?  
Sim, sempre receberam.
- 3) Elas possuem atendimento educacional especializado? Qual o período de regularidade destes atendimentos?  
Sim. O atendimento acontece 3 vezes na semana.
- 4) É uma criança assídua? Possui algum comprometimento em decorrência da síndrome?

Sim, assíduas. Não possuem comprometimentos além dos causados pela síndrome.

- 5) Já frequentou APAE?  
F – Sim, J – não.
- 6) Quais atendimentos terapêuticos recebe?  
( ) fisioterapeuta  
(X) fonoaudiólogo  
( ) psicólogo  
(X) terapeuta ocupacional  
( ) outros....descreva
- 7) Em relação à autonomia – autocuidados:  
Veste-se sozinha? ( X ) sim ( ) não  
Alimenta-se? (X) sim ( ) não  
Realiza necessidades básicas, vai ao banheiro sem auxílio? ( X ) sim ( ) não  
Toma banho sem auxílio? ( X ) sim ( ) não  
Mantém uma boa higiene corporal? ( X ) sim ( ) não
- 8) Em relação ao comportamento:  
Aagitado ( X )  
Calmo ( )  
Agressivo ( )
- 9) Quanto ao desenvolvimento cognitivo:  
Reconhece cores ( X ) sim ( ) não  
Escreve seu nome ( X ) sim ( ) não  
Reconhece ou estabelece relação com quantidades ( X ) sim ( ) não  
Consegue reconhecer algumas letras elementares ( vogais ) ( X ) sim ( ) não

- 10) Quanto à comunicação:

Expressão de desejos e sentimentos ( X ) sim ( ) não  
 Aponta e gesticula ( X ) sim ( ) não

Conforme BASTOS (2009), o aluno que possui Síndrome de Down compreende suas limitações e convive com as dificuldades, sendo que 73% deles tomam iniciativas e possuem autonomia, não necessitam dos pais o tempo todo. Isso mostra que são inúmeras possibilidades de participação no mundo onde os julgados “normais” e deficientes possuem certas semelhanças embora suas várias diferenças.

Quanto ao aprendizado, o portador da síndrome possui um ritmo de aprendizagem mais lento, e devem-se respeitar as etapas, porém com estímulos dos professores e com auxílio da família em casa, podem ser trabalhados a inteligência, capacidade de aprender e a memória. Os estímulos podem ser realizados com atividades lúdicas, assim fazendo com que fiquem mais preparados e aptos a atividades maior complexidade. O estímulo deve começar a partir do nascimento, com estimulação que aos poucos e de maneira progressiva o traga à vida social e ao ambiente em que vive. Lembrando que a criança que possui Down possui idade cronológica diferente da idade normal (funcional), assim não podemos e não devemos esperar uma resposta idêntica aos outros alunos “normais”.

Embora com limitação, os portadores dessa deficiência podem atuar em vários níveis onde anteriormente já foram julgados como incapazes. Porém, há limites devido sua condição genética, física e também intelectual. Alguns possuem comprometimento maior do que outros, mas mesmo os de Q.I. mais deficitário surpreendem (SANTIAGO *et al.*, 1997, n.p.).

A criança com Síndrome de Down possui possibilidades de executar e desenvolver atividades diárias, linguagem, leitura e escrita, não havendo um padrão de estereótipo, pois o desenvolvimento da inteligência não depende somente da alteração cromossômica causada pela síndrome, mas também vêm de estímulos no meio em que vive.

**Quanto à família e escola os resultados foram os seguintes:**

11) Como interage com funcionários e professores?

Interagem muito bem.

12) Qual o posicionamento da família em relação à dinâmica escolar?

Concordam com a dinâmica.

13) A escola realizou adaptações físicas e na rotina para receber esse aluno? Quais?

Não houve adaptações.

- 14) Há reunião de pais frequentemente com os pais desse aluno? Eles participam e interagem?  
Quando solicitados, sim.
- 15) Houve melhora/alteração no comportamento em casa com a família?  
Sim, mais disciplina e limites.
- 16) A participação dos pais se dá de que forma na Instituição que você trabalha?  
Os pais buscam o filho todos os dias, perguntam como foi o dia. Vão à escola quando solicitados.
- 17) A ausência dos pais se deve a que?  
Não há ausência.
- 18) Quanto ao rendimento escolar dos alunos que tem a participação da família na escola?  
Rendimento muito bom, com a ajuda eles realizam a tarefa de maneira correta e organizada.
- 19) Você conhece os pais desse(s) aluno(s)?  
Sim, conheço.
- 20) Considerando que a escola deve atender todos os alunos que chegam com algum tipo de deficiência você acredita que a escola está preparada para receber esses alunos?  
Acredito que sim, pois conta com equipe especializada para isso, professores que irão inclui-los em todas as atividades.
- 21) Você considera que exista uma redução no número total de alunos na sala que recebe alunos com deficiência?  
Não existe, mas existe uma estagiária para auxiliar.
- 22) Você considera que a presença de alunos com Síndrome de Down faz com que a qualidade do ensino na classe regular, na qual estão inseridos, seja prejudicada?  
Não acredito pois temos uma estagiária para auxiliar na sala.
- 23) Como a escola procura manter a família próxima na inclusão do aluno com Síndrome de Down na sala regular?  
Realiza reuniões periódicas e anota tudo em bilhetes o cotidiano do aluno, recados e tarefas.
- 24) Quais os principais obstáculos encontrados?  
Não encontramos obstáculos com frequência, mas talvez alguns professores mais velhos terem dificuldades em compreender as diferenças individuais de cada aluno, removendo os obstáculos já existentes com respeito.

- 25) A família desse aluno está sempre presente na escola ou só quando é chamada?  
Só quando é chamada, mas sempre quando busca o aluno pergunta sobre seu desempenho. “Como foi o dia dele?”
- 26) Na escola onde você trabalha existem ações voltadas para a participação efetiva das famílias no processo de aprendizagem de seus alunos portadores de deficiência?  
Não há.
- 27) Em sua opinião, qual o papel da escola frente ao desenvolvimento de um aluno com Síndrome de Down?  
Papel importantíssimo, primordial. Pois tudo que é aprendido na escola deve ser mantido em casa, como as regras, organização, aprendizados e desafios.

Baseado em literaturas, a respeito do questionário conclui-se que a família é muito importante, o primeiro ambiente de alfabetização, em casa, mesmo que de maneira indireta. A família deve dar orientações e condições favoráveis ensinando aos filhos a importância da leitura e escrita, construindo experiências para que consiga relacionar-se na escola, no social e no familiar.

Conforme as respostas dos questionários foi possível ver a importância que a família evidencia tanto na sobrevivência como na socialização, e é o centro de relações afetivas, cognitivas e sociais que eles estabelecem. Os pais devem adaptar-se às mudanças quando tem um filho com Síndrome de Down, tomar cuidado com excesso de proteção e não prejudicar sua autonomia.

Para Casarin (1999, p. 274):

“a família precisa repensar o significado da SD para que, reformulando a imagem deformada que possuía, possa construir outra, não idealizada, que viabilize seu relacionamento com a pessoa portadora da síndrome.”

É importante que sempre haja incentivo nas práticas que a criança realiza não valorizar os fracassos e sim parabenizá-lo por seus desafios e sucessos. As habilidades de autonomia pessoal e também no social trazem maior qualidade de vida,

Também é fundamental que a família incentive a prática de tudo que a criança assimila. Diante disso, a superproteção dos pais em relação à criança pode influenciar de forma negativa no processo de desenvolvimento da criança e normalmente estes se concentram suas atenções nas deficiências da criança de modo que os fracassos recebem mais

atenção que os sucessos. Desenvolvendo as habilidades, aumentará sua qualidade de vida, melhorando sua independência, atitudes e relações cotidianas. (SILVA, 2002).

Interações que são estabelecidas na família trazem melhores e mais significativos resultados nos casos de alunos com portadores de Síndrome de Down, porém a escola também contribui bastante para o seu desenvolvimento. (SILVA; DESSEN, 2002).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo esse trabalho valorizando ainda mais a importância da família no processo de inclusão dos alunos com deficiência, existem inúmeros desafios, e as escolas devem estar prontas e aptas em relação não somente ao mobiliário, mas também a preparar profissionais para receber esses alunos na sala de aula.

É preciso mudar o significado social escolar para as famílias e também o significado social da deficiência para a escola. (POLIA, 2007).

Faz-se necessário que exista uma nova crença, paradigma, e que sejam estabelecidos programas sociais e políticos e que a sociedade possa desenvolver e adaptar-se para que sejam respeitadas e aceitas as diferenças de cada aluno com deficiência. A sociedade na qual todos busquem bem estar para toda a população, e permitindo a todos, inclusive portadores de deficiência, acesso à todos os setores, de maneira igualitária. (MOREJÓN, 2001).

As qualidades e limitações do aluno com Síndrome de Down devem ser reconhecidas e exploradas as possibilidades e talentos, da escola e família, valorizando cada aprendizado e avanço, por menor que pareçam, essas deficiências não devem restringir o processo de ensino e aprendizagem. Faz-se necessário rever e avaliar os conceitos da educação inclusiva, que é o alicerce para o desenvolvimento social das pessoas que possuem algum tipo de deficiência. Deixar um aluno deficiente na sala regular sem atender suas necessidades, não é um ato de inclusão, e sim uma dificuldade existente que deve ser observada de maneira crítica, e exigirá um trabalho mais bem planejado.

Cabe aos educadores, escola e família, juntos, cidadãos com direitos e deveres, fazer jus ao que se referem às constituições inclusivas encarando o paradigma e desafios com coragem e comprometidos a respeitar as diferenças em busca de melhorias e igualdade no ensino.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Ana Patrícia Beltrão. **Processo de inclusão dos portadores de Síndrome de Down**. Disponível em:

<http://www.pedagogobrasil.com.br/educacaoespecial/processodeinclusao.html>

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069/90**. Brasília, DF: Senado, 1990.

BRASIL/MEC/SEESP - **Política Nacional de Educação Especial**, Brasília: 1994.

CASSARIN, S. **Aspectos psicológicos na SD**. In: J. S. Schwartzman (Org.) São Paulo: Mackenzie, 1999, p. 263-285.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Makron Books, 2002.

D'ANTINO, Maria Eloisa Famá. **A Máscara e o Rosto da Instituição Especializada: marcas que o passado abriga e o presente esconde**. São Paulo: Mennon, 1998.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Necessidades Educativas Especiais – NEE** In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em: Qualidade – UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994.

FONSECA, Vítor da. **Tendências Futuras da Educação Inclusiva**. Educação, Porto Alegre, v.49. mar. 2003.

GLAT, R. ; PLETSCHE, M. D . **O papel da Universidade frente às políticas públicas para educação inclusiva**. Benjamin Constant, Rio de Janeiro - RJ, v. 10, n. 29, 2004. p. 3-8.

GOFFMAN, E. **Estigma-Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada**. Brasil: Zahar Editores, 1980.

LENZI, Alpia Couto. **A Integração das pessoas surdas**. Revista Espaço. Rio de Janeiro: INES. n° 7, p. 22-25, janeiro-junho, 1997.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga; PANTOJA, Luísa de Marillac P.; MONTAAN, Maria Teresa Eglér. **Atendimento Educacional Especializado**. Brasília: SEESP, SEED, MEC, 2007.

FELTRIN, Antonio Efro. **Inclusão social na escola: quando a pedagogia se encontra com a diferença**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

LIMA, Sandra Vaz. **Histórico da Educação Especial**. [S.l: s.n], 2009. Disponível em: <http://www.artigonal.com>. Acesso em: 06 abr., 2011.

MANTOAN, Maria Teresa (org.). **A integração de Pessoas com Deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997.

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil. História e Políticas Públicas**. São Paulo: Cortez Editora. 1996.

MIRANDA, Sônia G. - **Inclusão em debate: das políticas públicas ao currículo da escola**. In Revista Cadernos de Educação Especial. Santa Maria: Editora UFSM, n° 13, 1999.

MOREJÓN, Kizzy. **A influência da figura paterna na construção da auto-estima da criança com necessidades especiais**. Santa Maria: Monografia Especialização, 1999.

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

\_\_\_\_\_. Jean. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1984.

RAIÇA, Darcy e OLIVEIRA, Maria Teresa Baptista de. **A educação especial do deficiente mental**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1990.

RODRIGUES, Leticia do Amaral Burlamaqui. **Inclusão Escolar: A Aceitação de Alunos com Deficiência Mental pelos Professores de Classes Comuns**. Santa Maria: Monografia Especialização, 1999.

SANTIAGO, Fabiana *et al.* **Síndrome de Down**. Mogi das Cruzes, 1997. Disponível em: <http://www.brazcubas.br/professores/sdamy/mubc02.html> Acesso em: 24/02/2005.

SIEGEL, Norberto. **Fundamentos da Educação: Temas Transversais e Ética**. Associação Educacional Leonardo da Vinci (ASSELVI).Indaial:Ed.ASSELVI,2005.

SILVA, F. C. T.; MENEGAZZO, M.A. **Escola e Cultura Escolar: gestão controlada das diferenças no/pelo currículo**. In: 28ª Reunião Anual da ANPED, 2005, Caxambu - MG. 2005. p. 1-17

VAYER, Pierre. **A integração da criança deficiente na classe**. São Paulo: Manole, 1989.

**Apêndice A** - Questionário Aplicado para a Diretora



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão  
 Escolar

---

**QUESTIONÁRIO APLICADO PARA A DIRETORA**

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Escola:** \_\_\_\_\_

**Cursista: Libiane Cristine Barroso**  
**Orientadora: Lucia de Carvalho Brandão**

- 28) Qual idade do(s) aluno(s) incluídos com Síndrome de Down?
- 29) Esta criança recebeu ou recebe estimulação precoce?
- 30) Elas possuem atendimento educacional especializado? Qual o período de regularidade destes atendimentos?
- 31) É uma criança assídua? Possui algum comprometimento em decorrência da síndrome?
- 32) Já frequentou APAE?
- 33) Quais atendimentos terapêuticos recebe?  
 fisioterapeuta  
 fonoaudiólogo  
 psicólogo  
 terapeuta ocupacional  
 outros....descreva
- 34) Em relação à autonomia – autocuidados:  
 Veste-se sozinha?  sim  não  
 Alimenta-se?  sim  não  
 Realiza necessidades básicas, vai ao banheiro sem auxílio?  sim  não  
 Toma banho sem auxílio?  sim  não  
 Mantém uma boa higiene corporal?  sim  não
- 35) Em relação ao comportamento:  
 Agitado   
 Calmo   
 Agressivo
- 36) Quanto ao desenvolvimento cognitivo:

Reconhece cores ( ) sim ( ) não  
Escreve seu nome( ) sim ( ) não  
Reconhece ou estabelece relação com quantidades( ) sim ( ) não  
Consegue reconhecer algumas letras elementares (vogais) ( ) sim ( ) não

37) Quanto à comunicação:

Expressão de desejos e sentimentos ( ) sim ( ) não  
Aponta e gesticula ( ) sim ( ) não

38) Como interage com funcionários e professores?

39) Qual o posicionamento da família em relação à dinâmica escolar?

40) A escola realizou adaptações físicas e na rotina para receber esse aluno? Quais?

41) Há reunião de pais frequentemente com os pais desse aluno? Eles participam e interagem?

42) Houve melhora/alteração no comportamento em casa com a família?

43) A participação dos pais se dá de que forma na Instituição que você trabalha?

44) A ausência dos pais se deve a que?

45) Quanto ao rendimento escolar dos alunos que tem a participação da família na escola?

46) Você conhece os pais desse(s) aluno(s)?

47) Considerando que a escola deve atender todos os alunos que chegam com algum tipo de deficiência você acredita que a escola está preparada para receber esses alunos?

48) Você considera que exista uma redução no número total de alunos na sala que recebe alunos com deficiência?

49) Você considera que a presença de alunos com Síndrome de Down faz com que a qualidade do ensino na classe regular, na qual estão inseridos, seja prejudicada?

50) Como a escola procura manter a família próxima na inclusão do aluno com Síndrome de Down na sala regular?

51) Quais os principais obstáculos encontrados?

52) A família desse aluno está sempre presente na escola ou só quando é chamada?

- 53) Na escola onde você trabalha existem ações voltadas para a participação efetiva das famílias no processo de aprendizagem de seus alunos portadores de deficiência?
- 54) Em sua opinião, qual o papel da escola frente ao desenvolvimento de um aluno com Síndrome de Down?

## ANEXOS

Anexo A – Carta de Apresentação – Escola



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde  
 PGPDS  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

**Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB**

**Polo:** \_\_\_\_\_

**Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a)** \_\_\_\_\_

**Instituição:** \_\_\_\_\_

### Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S<sup>a</sup> o(a) cursista pós-graduando(a)

\_\_\_\_\_ que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
 Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof<sup>ra</sup> Dr<sup>a</sup> Diva Albuquerque Maciel**

\_\_\_\_\_  
 Campus Universitário Darcy Ribeiro - Instituto de Psicologia – Brasília -DF  
 ICC - SUL

Telefones: +55 (61) 3107-6911

## Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Diretor



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão  
 Escolar

---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Senhor(a) Diretor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre \_\_\_\_\_. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de \_\_\_\_\_.  
*(explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.)*

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como \_\_\_\_\_ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone \_\_\_\_\_ ou no endereço eletrônico \_\_\_\_\_. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura do Coordenador

Nome do Professor: \_\_\_\_\_

E-mail(opcional):  
\_\_\_\_\_